

JAKOBSON, A FONOLOGIA E A HERANÇA SAUSSUREANA

Luiza Milano*

O objetivo desse escrito é elaborar um percurso de leitura revisitando importantes textos de Roman Jakobson acerca das relações entre som e sentido, buscando investigar o lugar que o legado saussureano ocupa nos estudos de fonologia. Ou seja, trata-se de um estudo de base epistemológica, tanto no que diz respeito à construção das bases saussureanas para aquilo que veio a se constituir como a linguística contemporânea, como também para pensarmos nos efeitos dessa forma de abordar a língua e sua repercussão nos trabalhos do Círculo Linguístico de Praga e, particularmente, nas teses jakobsoneanas sobre o papel da relação entre som e sentido na perspectiva da fonologia.

O presente trabalho está inserido no contexto de nosso atual projeto de pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o qual busca, nas reflexões do mestre genebrino, o rastro deixado por suas considerações acerca do aspecto fônico da língua. No primeiro momento da pesquisa, buscamos dar foco à discussão que ronda a materialidade do significante. No percurso dessa reflexão, realizamos um mergulho em importantes textos de Saussure para empreendermos um estudo da materialidade fônica à luz da teoria do valor. Especificamente nesse texto, tomaremos como *corpus* parte do legado do mestre genebrino, partindo do clássico livro *Curso de Linguística Geral*, retomaremos passagens dos *Escritos de Linguística Geral*, além de breves referências a trechos do manuscrito *Phonétique*. Finalmente, buscaremos contextualizar a formulação jakobsoneana sobre a relação entre som e sentido a partir do legado saussureano.

* Professora de Linguística do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS.

Nos textos que documentam a fundação do Círculo Linguístico de Praga, encontramos depoimentos explícitos sobre o importante papel que o recém lançado *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, teve nas reflexões, na época bastante embrionárias, dos teóricos de Praga. É a partir do registro das importantes Teses de 29 – documento fundador do Círculo Linguístico de Praga e, particularmente, da Fonologia – que encontraremos rastros da herança saussureana. Fruto do encontro de linguistas, filósofos e escritores eslavistas, entre tantos pensadores de uma vanguarda que reunia ciência e arte, o Círculo Linguístico de Praga viu nascer a especificidade do trabalho que enlaça som e sentido. Foi no calor das incitantes discussões do Círculo da Praga, nos anos finais da década de 1920, que Jakobson e Trubetzkoy, bastante influenciados pela recente publicação do *Curso de Linguística Geral*, traçaram as primeiras e importantes diretrizes daquilo que hoje conhecemos como a fonologia moderna. É nas próprias palavras de Roman Jakobson que encontramos o reconhecimento da filiação saussureana: “É certo que a Escola de Praga levou também em conta a experiência da linguística ocidental: os trabalhos da Escola de Genebra, [...]” (Jakobson, R. In: Toledo, D., 1978, p. 24-25).

Para Jakobson, Saussure percebeu que a par do fato empírico – a fala individual – existe a esfera da ordem do social – a língua. Nesse sentido, Jakobson propõe que se olhe para esse sistema de valores relativos que é a língua através de um ponto de vista funcional. É a partir desse princípio que o linguista russo propõe a análise dos sons da linguagem visando sua função comunicativa, pois, para Roman Jakobson, independentemente do tipo de situação enunciativa, os sons são emitidos para “comunicar algo”. É a partir do legado saussureano que acompanharemos Jakobson apontando que os sons têm uma finalidade e as inúmeras diferenças (inclusive fonéticas) que aparecem na fala não possuem todas a mesma função e o mesmo grau de importância. Por este motivo, as diferenças ganham relevo na proposta jakobsoneana: as oposições são capazes de distinguir, em determinada língua, os significados. Bem sabemos que Jakobson retoma claramente essas ideias saussureanas de diferença e oposição nas aulas so-

bre som e sentido que proferiu na École Libre des Hautes Études, no início da década de 1940, em Nova Iorque.

Por essa via, o presente trabalho busca discutir o aspecto sonoro da língua, destacando o quanto o legado saussureano é um dos importantes alicerces da construção da reflexão teórica proposta por Roman Jakobson sobre as relações entre som e sentido e a própria formalização dos estudos do campo fonológico.

Designado como fonologia, ou fonética fisiológica, conforme aponta Isaac Nicolau Salum, no excelente prefácio à edição brasileira do *Curso de Linguística Geral*, esse foi um dos principais temas abordados por Ferdinand de Saussure em seu primeiro curso de linguística geral, ministrado de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, na Universidade de Genebra.

Saussure nos diz que “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação” (Saussure, 1974, p. 137). Vemos, então, nessa passagem do clássico livro *Curso de Linguística Geral*, que a garantia de existência de um signo linguístico está no fato de ele produzir diferença e oposição dentro de um sistema. No entanto, para que se possa suscitar efeitos contrastivos, precisamos de uma materialidade que carregue e sustente essa diferença. Eis o que propomos chamar de *aspecto fônico* no âmbito do significante. É necessário que o significante seja formatado com recorte material para que entre os significantes ou entre significante e significado se possa estabelecer diferenças e oposições. Assim também, como se pode acompanhar nos capítulos introdutórios à Teoria do Valor (cf. Capítulo II, da segunda parte: *As entidades concretas da língua*; Capítulo III, da segunda parte: *Indentidade, realidades, valores*), o signo linguístico necessita ser concebido como uma entidade concreta da língua para que seja passível de produzir identidade: se um signo é o que os outros não são, é necessário buscar uma pista na realidade concreta desse signo para que se possa identificá-lo como pertencente a uma dada língua e opô-lo a todos os demais signos dessa língua. A retomada desse raciocínio alavanca claramente as hipóteses dos linguistas de Praga acerca das relações travadas

entre os sons da língua: identidade, diferença e oposição são princípios sem os quais a fonologia não se sustenta.

É importante também lembrar que o compromisso entre a imagem acústica (fônica) e o conceito (significado) sempre foram considerados pelo grupo de Praga. Jakobson, quinze anos após a fundação do Círculo de Praga e já exilado em Nova York, em suas aulas *sobre o som e o sentido*, destaca que foi justamente no aspecto significativo da fonologia – o som concebido como significante – que os herdeiros de Saussure tiveram razão em investir.

Vejamos mais de perto, então, o quanto os ensinamentos de Ferdinand de Saussure prepararam o terreno para os estudos do campo da fonologia.

No *Curso de Linguística Geral*, encontramos já uma noção de fonema, ainda que embrionária, que é proposta por Saussure:

Dentro de cada articulação, as diversas espécies de fonemas se distinguem pelas concomitâncias [...] cuja ausência será um elemento de diferenciação tanto quanto sua presença (Saussure, 1974, p. 56).

Podemos perceber que essa formulação, mesmo que ainda em construção, pressupõe a unidade fonema concebida a partir dos mecanismos de funcionamento da língua. Concomitância e sucessividade são formas de relação dos elementos (de fonema à unidades sintáticas, independente de sua extensão) de uma cadeia.

No capítulo dedicado especificamente à fonologia, ainda no *Curso de Linguística Geral*, encontramos uma bela pista sobre como o mestre genebrino propunha pensarmos a unidade de análise em questão e suas formas de representação:

Separados de seus signos gráficos, eles [os sons da língua] apresentam apenas noções vagas, e prefere-se então o apoio, ainda que enganoso, da escrita. Assim, os primeiros linguistas, que nada sabiam da fisiologia dos sons articulados, caíam a todo instante nessas ciladas; desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo à verdade, pois é o estudo dos sons através dos próprios sons que nos proporciona o apoio que buscamos. (Saussure, 1974, p. 42)

Vemos nessa passagem o quanto o mestre genebrino buscava definir conceitos e metodologia para sistematizar o campo dos estudos da linguagem. Seu esforço foi reunido e divulgado através de seus colegas que corajosamente impulsionaram as ideias de Saussure no livro póstumo. No entanto, nos dias de hoje, temos acesso a um repertório mais alargado desse legado. Queremos dizer com isso que nossos estudos partem do clássico livro que divulgou o pensamento do mestre, mas não se restringem unicamente a essa fonte.

É por esse motivo que sabemos, tanto pela via do *Curso de Linguística Geral*, como também através dos *Escritos de Linguística Geral*, da importância dada por Saussure à definição de objeto e método no campo da linguística para que essa viesse a se constituir como ciência de fato. Encontramos em suas reflexões *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* (em *Escritos de Linguística Geral*) a seguinte afirmação:

Todo trabalho do linguista que pretende compreender, metodologicamente, o objeto que estuda, se reduz à operação extremamente difícil e delicada na *definição das unidades* (Saussure, 2004, p. 29).

Assim, como podemos inferir, definir unidades faz parte do empreendimento do linguista ao analisar seu objeto. Vemos que ao mesmo tempo em que se preocupava em definir as unidades com as quais trabalha o linguista, Saussure alertava para o fato de que elas jamais poderiam ser dadas de antemão. É sempre no seio do sistema que a delimitação e função de um elemento podem ser concebidas. Acompanhemos o registro sobre esta interdependência nos *Escritos de Linguística Geral*:

A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua.” (Saussure, 2004, p. 27).

Ao que tudo indica, a passagem acima destacada confirma nossa hipótese de que Saussure reservava lugar de destaque ao aspecto fônico da língua. Não nos parece exagero alargar essa leitura apontando que a reflexão saussureana acerca do sistema de sons de uma língua é claramente respaldada pela teoria do valor. É nesse sentido que vemos Jakobson e Troubetzkoy bebendo na fonte da Escola de Genebra, ao sistematizarem o estudo da fonologia em Praga, na segunda metade da década de 1920.

Após apontarmos essa relação entre aspectos fônicos no *Curso de Linguística Geral* e nos manuscritos editados no *Escritos de Linguística Geral* com o surgimento da fonologia de Praga, apresentaremos agora excertos de um manuscrito ainda pouco conhecido de Ferdinand de Saussure. Trata-se do Manuscrito *Phonétique*, depositado na biblioteca de Harvard.

Maria Pia Marchese, atual curadora do Manuscrito de Harvard, realiza, na introdução à edição de 1995, uma importante retomada da forma com que Saussure constrói a definição de fonema no referido manuscrito. A pesquisadora italiana destaca que as tentativas de definição da noção de fonema são fortemente marcadas por critérios de negatividade, visto que aí já se pode perceber importantes indícios da construção dos princípios da teoria do valor na obra saussureana. Encontramos eco às nossas hipóteses em sua reflexão, visto que, conforme ressalta essa autora, os conceitos de oposição, valor e diferença, enquadrados em uma perspectiva de negatividade, apontam diretamente para uma célebre passagem do *Curso de Linguística Geral*: “na língua só existem diferenças” (Saussure, 1974, p. 139).

Prova disso também encontramos ainda mais explicitada na seguinte passagem: “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (Saussure, 1974, p. 138). Eis aí uma consideração significativa do sistema fônico como organizador da lógica pautada pela teoria do valor, o que, como sabemos, produziu significativos efeitos nos trabalhos vanguardistas do Círculo Linguístico de Praga.

Vejamos agora como esses princípios saussureanos, ancorados na leitura explicitamente sustentada pela teoria do valor, encontram eco nas teses fundantes da fonologia proposta por Jakobson no final da década de 1920,

com o Círculo Linguístico de Praga:

Dentre as principais teses do Círculo Linguístico de Praga, encontramos: Concepção de língua como sistema funcional: “Não podemos compreender nenhum fato linguístico sem levar em conta o sistema ao qual ele pertence (Jakobson, R. In: Toledo, D., 1978, p. 82)”.

Tarefas do método sincrônico: “A melhor maneira de conhecer a essência e o caráter de uma língua é a análise sincrônica dos fatos atuais (Jakobson, R. In: Toledo, D., 1978, p. 82)”.

Vemos aqui assumida pelo grupo de Praga a tese saussureana da língua como sistema estabelecida a partir de um olhar sincrônico. Obviamente temos conhecimento dos limites de nossa interpretação dos efeitos da herança saussureana na fonologia de Praga e não negaremos as críticas jakobsonianas à separação operada por Saussure entre sincronia e diacronia, mas esse não será nosso foco nesse estudo.

Parece-nos significativa também a consideração da forma de análise da matéria fônica pelo grupo de Praga. Ao tratar do problema do “desmembramento” da língua para operacionalizar a análise, surgirá a discussão da noção de unidade que, como vimos, já estava apontada no *Curso de Linguística Geral*, nos capítulos que precedem o estudo da noção de valor linguístico. Encontramos, então, nas famosas Teses de 29 a seguinte noção de unidade: “A unidade dessa língua existe na medida em que os seus dialetos são capazes de produzir transformações comuns (Jakobson, R. In: Toledo, D., 1978, p. 84)”.

E um pouco mais adiante: “[...] o critério da unidade de língua é dado pela atitude da coletividade falante em relação à língua, e não por certos caracteres linguísticos objetivos (Jakobson, R. In: Toledo, D., 1978, p. 85)”.

Reconhecemos aí ecos da herança saussureana relacionados à discussão de realidades, identidades, valores – o que remete à noção de unidade com a qual trabalha o linguista em seu cotidiano. Pode-se perceber que o linguista, mesmo quando trata do aspecto fônico da língua, depara-se sempre com a forma com que a coletividade recorta e faz uso da tal massa amorfa de sons e sentidos que encontra a sua disposição. Essa ideia funda-

mental que explica a organização do sistema fônico de uma língua vemos, portanto, que Jakobson vai buscar em Saussure.

Tendo já explanado esses dois pressupostos básicos (a sustentação na teoria do valor e a discussão da noção de unidade), há contexto para visitarmos a consideração jakobsoniana sobre o peso do aspecto fônico na abordagem da proposta de Jakobson e Trubetzkoy no que diz respeito à fonologia:

Sobre as investigações relativas ao aspecto fônico da língua: importância do aspecto acústico, diz Jakobson:

O problema do finalismo dos fenômenos fonológicos faz com que, no estudo do aspecto exterior desses fenômenos, a análise acústica ocupe o primeiro plano, pois o sujeito falante visa precisamente à imagem acústica, e não à imagem motora (Jakobson, R. In: Toledo, D., 1978, p. 85).

Percebemos nesse recorte não somente o apontamento de que o fato fisiológico articulatório é estranho ao sistema, como também o próprio uso do termo saussureano “imagem acústica” que os russos de Praga lançam mão. Igualmente na próxima passagem podemos acompanhar elementos ligados a essa concepção de unidade de análise.

Sobre a necessidade de distinguir o som como fato físico objetivo, como representação e como elemento do sistema funcional, encontramos em Jakobson:

O registro, com a ajuda de instrumentos, dos fatores acústico-motoras subjetivas é interessante como indicador das correspondências objetivas dos valores linguísticos. Todavia, esses fatos objetivos têm apenas uma relação indireta com a Linguística e, por conseguinte, não poderíamos identificá-los com os valores linguísticos (Jakobson, R. In: Toledo, D., 1978, p. 85).

Ou seja, o valor emana do fato das unidades produzirem distintividades, não necessariamente da diferença articulatória que eventualmente tenha sido produzida pelo falante. O que importa são os efeitos distintivos que o elemento provoca por contraste e oposição. Como podemos encontrar no

Curso de Linguística Geral, um elemento vale menos pelo que carrega em si de som e sentido do que pelo que carregam de som e sentido os elementos que estão a ele relacionados (seja em presença ou em ausência).

No último recorte que destacaremos, encontramos claramente a utilização da noção de sistema sendo aplicada ao campo do estudo dos sons da língua, o que evidencia o lugar dos efeitos da concepção saussureana de sistema na proposta da fonologia de Jakobson:

De outra parte, as imagens acústico-motoras subjetivas só fazem parte de um sistema linguístico na medida em que nele desempenham uma função significativa diferenciadora. O conteúdo sensorial de tais elementos fonológicos é menos essencial que as suas relações recíprocas no seio do sistema (princípio estrutural do sistema fonológico) (Jakobson, R. , In: Toledo, D., 1978, p. 85).

Finalizamos, então, destacando as palavras do próprio Roman Jakobson, um pouco mais de uma década após a publicação das teses de 1929, ao proferir suas aulas na Escola Livre de Altos Estudos, em Nova York, e tendo ninguém menos que Levi-Strauss na audiência:

Saussure ensina-nos que aquilo que interessa na palavra não é o som em si mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esta das demais palavras, pois são estas diferenças que comportam a significação. O *Curso* lança a fórmula que mais tarde viria a ficar célebre: “Os fonemas são antes do mais entidades opostas, relativas e negativas”. Saussure chega a afirmar que o sistema destes fonemas claramente diferenciado, *o sistema fonológico*, como ele o designa, é a única realidade que interessa ao linguista no domínio fônico (Jakobson, R., 1977, p. 44).

E um logo adiante:

E apesar das numerosas contradições da doutrina de Saussure é a ele e à sua escola que devemos a segunda noção essencial para o estudo funcional dos sons, a noção das relações entre os fonemas, numa palavra, a noção de *sistema fonológico* (Jakobson, R., 1977, p. 44).

Como podemos ver, toda herança pressupõe um reconhecimento de filiação, mas também uma aposta de que a partir de um lugar fundador,

podemos produzir algo novo. É isso que percebo na relação entre Saussure e Jakobson e nessa linhagem de filiação, ainda que em tempo e lugar tão distantes, busco resgatar e registrar um lugar de testemunha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa, Moraes Editores, 1977.

_____. A Escola Linguística de Praga. In: TOLEDO, D. (org.). *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre, Globo, 1978.

_____. A transformação poética: o Círculo de Praga visto pelo Círculo de Copenhague. In: TOLEDO, D. (org.). *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre, Globo, 1978.

MARCHESE, M.P.(éd.). Les manuscrits saussuriens sur la phonétique, du Mémoire au Cours de linguistique générale, *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62, p. 47-61, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Cours de Linguistique Générale*. Col. Bibliothèque scientifique Payot, Éditions Payot, Paris, 1972, 520 p. (Établie par Tullio de Mauro)

_____. *Escritos de Linguística Geral* (Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler). São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. *Phonétique. Il manoscritto di Harvard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Unipress, Padoue, 1995.

TOLEDO, Dionísio. *Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1978.